

OSCAR WILDE

O retrato de
Dorian Gray

Tradução de
PAULO SCHILLER



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The picture of Dorian Gray

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Alexandre Boide

REVISÃO
Huendel Viana
Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wilde, Oscar, 1854-1900.

O retrato de Dorian Gray / Oscar Wilde ; tradução de Paulo Schiller. 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

Título original: The picture of Dorian Gray.
ISBN 978-85-63560-43-8

1. Ficção inglesa I. Título.

12-02769

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

O prefácio

OSCAR WILDE

O artista é o criador de coisas belas.

Revelar a arte e ocultar o artista é a finalidade da arte.

O crítico é quem pode traduzir de outro modo ou para um novo meio sua impressão sobre coisas belas.

A mais elevada modalidade de crítica, e também a mais baixa, é uma forma de autobiografia.

Aqueles que encontram significados feios em coisas belas são corruptos sem serem encantadores. Isso é um defeito.

Aqueles que encontram significados belos em coisas belas são os cultos. Para estes há esperança.

Eles são os eleitos para os quais as coisas belas significam somente Beleza.

Não existe livro moral ou imoral. Livros são bem escritos ou mal escritos. Isso é tudo.

A aversão do século XIX pelo Realismo é a fúria de Caliban ao ver o próprio rosto em um espelho.

A aversão do século XIX pelo Romantismo é a fúria de Caliban ao não ver o próprio rosto em um espelho.

A vida moral de um homem é parte do tema do artista, mas a moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito. O artista não deseja provar nada. Mesmo as coisas verdadeiras podem ser provadas.

O artista não tem inclinações éticas. Uma inclinação ética em um artista é um maneirismo imperdoável de estilo.

O artista nunca é mórbido. O artista pode expressar tudo.

Pensamento e linguagem são para o artista instrumentos de uma arte.

Vício e virtude são para o artista materiais para uma arte.

Do ponto de vista da forma, a arte exemplar é a do músico. Do ponto de vista do sentimento, a arte do ator é a exemplar.

Toda arte é ao mesmo tempo superfície e símbolo.

Aqueles que vão além da superfície assumem um risco ao fazê-lo.

Aqueles que leem o símbolo assumem um risco ao fazê-lo.

É o espectador, e não a vida, que a arte verdadeiramente espelha.

A diversidade de opinião sobre uma obra de arte demonstra que tal trabalho é novo, complexo e vital.

Quando críticos discordam, o artista está em acordo consigo mesmo.

Podemos perdoar um homem por fazer alguma coisa útil, desde que ele não a admire. A única desculpa para fazer alguma coisa inútil é podermos admirá-la intensamente.

Toda arte é completamente inútil.

O ateliê estava inundado pela fragrância opulenta das rosas, e quando a brisa suave de verão soprava em meio às árvores do jardim, penetrava pela porta aberta o aroma denso do lilás, ou o perfume mais delicado do espinheiro de floração cor-de-rosa.

Da extremidade do divã de alforjes persas em que estava deitado, fumando, como era seu costume, inúmeros cigarros, Lord Henry Wotton apreendia apenas um vislumbre das flores coloridas e doces como mel do laburno, cujas ramagens trêmulas mal pareciam suportar o peso de uma beleza flamejante como aquela; e vez ou outra as sombras fantásticas de aves em voo adejavam por trás das longas cortinas de seda tussa estendidas diante da imensa janela, produzindo uma espécie de efeito japonês fugaz, fazendo com que ele pensasse nos pálidos pintores de rosto de jade de Tóquio, que, por meio de uma arte necessariamente imóvel, buscam transmitir a sensação de rapidez e movimento. O murmúrio obstinado das abelhas que abriam caminho pela grama alta não aparada, ou que circulavam com insistência monótona em torno dos chifres poeirentos dourados da madressilva espalhada, parecia tornar a imobilidade mais opressiva. O ruído surdo de Londres era como uma nota de bordão de um órgão distante.

No centro da sala, preso a um cavalete armado, havia

um retrato de um jovem de beleza extraordinária, e diante dele, a uma pequena distância, estava o próprio artista, Basil Hallward, cujo súbito desaparecimento havia alguns anos tinha causado, à época, uma grande comoção popular e originara muitas conjecturas estranhas.

Enquanto o pintor olhava para a forma graciosa e agradável que havia refletido em sua arte com tanta habilidade, um sorriso de prazer atravessou seu rosto e pareceu nele se deter. Porém, ele de repente teve um sobressalto e, fechando os olhos, pôs os dedos sobre as pálpebras, como se procurasse aprisionar no cérebro um sonho curioso do qual receava despertar.

“É o seu melhor trabalho, Basil, a melhor coisa que você já fez”, disse Lord Henry, languidamente. “Você deve sem dúvida enviá-lo ao Grosvenor no ano que vem. A Academia é grande demais e muito vulgar. Todas as vezes em que fui lá, havia tanta gente que eu não conseguia ver os quadros, o que era terrível, ou havia tantos quadros que eu não conseguia ver as pessoas, o que era pior. O Grosvenor é, de fato, o único lugar possível.”

“Não creio que eu vá mandá-lo a algum lugar”, o outro respondeu, atirando a cabeça para trás com aquela estranha maneira que provocava risos entre seus amigos em Oxford. “Não, eu não vou mandá-lo a lugar algum.”

Lord Henry ergueu as sobrancelhas e olhou para ele espantado através das finas espirais de fumaça que se erguiam em círculos caprichosos do cigarro fortemente manchado de ópio. “Não vai mandá-lo a lugar algum? Meu caro amigo, por quê? Você tem algum motivo? Que sujeitos estranhos são vocês pintores! Fazem de tudo no mundo para adquirir uma reputação. Assim que a obtêm, parecem querer jogá-la fora. É estupidez de sua parte, pois existe uma única coisa pior do que ser falado, que é não ser falado. Um retrato como esse o colocaria bem acima de todos os jovens da Inglaterra, e deixaria os velhos cheios de inveja, se é que os velhos são capazes de alguma emoção.”

“Sei que você vai rir de mim”, o outro respondeu, “mas realmente não posso exibi-lo. Eu pus muito de mim nele.”

Lord Henry se esticou no divã e riu.

“Sim, eu sabia que você iria rir; mas ainda assim é verdade.”

“Muito de você nele! Acredite, Basil, não sabia que você era tão vaidoso; e eu realmente não consigo ver nenhuma semelhança entre você, com o seu rosto forte, áspero, e seu cabelo preto como carvão, e este jovem Adônis que parece feito de marfim e folhas de roseira. Ora, meu caro Basil, ele é um Narciso, e você — bem, é inegável que você tem uma aparência de intelectual e tudo o mais. Mas a beleza, a beleza de verdade, termina onde começa a aparência de intelectual. O intelecto é, em si, uma forma de exagero, e ele destrói a harmonia de qualquer rosto. No instante em que alguém se senta para pensar, só o que se vê é um nariz, ou uma frente, ou algo horrendo. Veja os homens bem-sucedidos em qualquer profissão douda. Como são completamente medonhos! Exceto, é claro, na igreja. Mas, afinal, na igreja não se pensa. Um bispo diz aos oitenta anos o que lhe mandaram dizer quando era um rapaz de dezoito, e, como consequência natural, ele sempre parece absolutamente encantador. O seu jovem amigo misterioso cujo nome você nunca me disse, mas cujo retrato verdadeiramente me fascina, jamais pensa. Estou bem certo disso. É uma criatura bela, sem cérebro, que deveria estar sempre aqui no inverno, quando não temos flores para olhar, e também no verão, quando desejamos algo que refresque os nossos pensamentos. Não se sinta lisonjeado, Basil: você não se parece em nada com ele.”

“Você não me entende, Harry”, respondeu o artista. “É claro que não me pareço com ele. Sei muito bem disso. Na realidade, eu deveria me lamentar se fosse como ele. Você dá de ombros? Estou lhe dizendo a verdade. Existe uma fatalidade acerca de toda distinção física e intelectual, o tipo de fatalidade que parece perseguir ao

longo da história os passos hesitantes dos reis. É melhor não sermos diferentes dos nossos pares. Os feios e os estúpidos desfrutam do melhor deste mundo. Eles podem se sentar descontraídos e assistir à peça boquiabertos. Se não sabem nada sobre a vitória, ao menos são poupados do conhecimento da derrota. Vivem como nós todos deveríamos viver, imperturbáveis, indiferentes e sem inquietações. Eles não levam a ruína a outros, nem a recebem de mãos alheias. A sua posição e fortuna, Harry; meu cérebro, como ele é — a minha arte, seja qual for seu valor; a boa aparência de Dorian Gray —, todos sofreremos pelo que os deuses nos deram, sofreremos terrivelmente.”

“Dorian Gray? É como ele se chama?”, perguntou Lord Henry, atravessando o ateliê na direção de Basil Hallward.

“Sim, é esse o nome dele. Eu não pretendia contá-lo a você.”

“Mas por que não?”

“Oh, eu não sei explicar. Quando gosto muitíssimo de uma pessoa, nunca conto seu nome a ninguém. É como abrir mão de uma parte dela. Eu me acostumei a amar segredos. Parecem ser o que pode tornar a vida moderna misteriosa ou fantástica para nós. A coisa mais comum torna-se encantadora se a escondermos. Quando deixo a cidade hoje em dia, nunca digo a meus conhecidos aonde vou. Se dissesse, perderia o prazer. Trata-se de um costume bobo, eu admito, mas de certa forma parece propiciar um bocado de romantismo à nossa vida. Imagino que você me considere terrivelmente tolo por isso.”

“Nem um pouco”, respondeu Lord Henry, “nem um pouco, meu caro Basil. Você parece se esquecer de que sou casado, e que um dos encantos do casamento é que ele torna uma vida de enganos absolutamente necessária para as duas partes. Eu nunca sei onde a minha esposa está, e a minha esposa nunca sabe o que estou fazendo. Quando nos encontramos — quando ocasionalmente

nos encontramos, quando jantamos fora juntos, ou visitamos o duque —, contamos um ao outro as histórias mais absurdas com o mais sério dos rostos. A minha mulher é muito boa nisso — muito melhor, na verdade, do que eu. Ela nunca se confunde em relação a seus encontros, e eu sempre o faço. Mas, quando me desmascara, ela não cria nenhuma confusão. Eu às vezes desejaria que o fizesse: mas ela apenas ri de mim.”

“Eu odeio o modo como você fala sobre a sua vida de casado, Harry”, disse Basil Hallward, caminhando na direção da porta que dava para o jardim. “Acredito sinceramente que você é um marido muito bom, mas completamente envergonhado das próprias virtudes. Você é um sujeito extraordinário. Jamais recorre ao moralismo, e nunca faz nada de errado. O seu cinismo não passa de pose.”

“Agir naturalmente é que não passa de uma pose, e a mais irritante que eu conheço”, exclamou Lord Henry, rindo, e os dois jovens saíram juntos ao jardim e se acomodaram em um comprido banco de bambu que ficava à sombra de um arbusto de loureiro. A luz do sol se infiltrava por entre as folhas polidas. No gramado, margaridas brancas tremulavam.

Depois de uma pausa, Lord Henry tirou o relógio. “Receio que preciso ir, Basil”, ele murmurou, “mas antes de ir embora insisto que responda à pergunta que lhe fiz há pouco.”

“Qual?”, perguntou o pintor, mantendo os olhos fixos no chão.

“Você sabe muito bem.”

“Não sei, Harry.”

“Bem, vou lhe dizer. Quero que você me explique por que não quer exibir o retrato de Dorian Gray. Quero a razão verdadeira.”

“Eu lhe dei a razão verdadeira.”

“Não, não deu. Disse apenas que era porque havia muito de você nele. Ora, isso é infantil.”

“Harry”, disse Basil Hallward, encarando-o, “todo retrato pintado com sentimento é um retrato do artista, não do modelo. O modelo é apenas acidental, o pretexto. Não é ele que o pintor revela; é na verdade o artista que, na tela colorida, se revela. A razão por que não vou expor o quadro é que receio ter revelado nele o segredo da minha própria alma.”

Lord Henry riu. “E qual seria ele?”, perguntou.

“Vou lhe dizer”, afirmou Hallward, porém seu rosto adquiriu uma expressão de perplexidade.

“Aguardo ansiosamente, Basil”, insistiu o companheiro, olhando para ele.

“Oh, na verdade há muito pouco a dizer, Harry”, respondeu o pintor, “e receio que você tenha dificuldade para compreender. Talvez tenha dificuldade para acreditar.”

Lord Henry sorriu e, curvando-se, arrancou uma margarida de pétalas cor-de-rosa da grama e a examinou. “Tenho certeza de que vou entender”, garantiu, fitando atentamente o pequeno disco dourado de plumas brancas, “e, quanto a acreditar em algo, sou capaz de acreditar em tudo, desde que seja inacreditável.”

O vento arrancou algumas flores das árvores e os botões pesados de lilás, com seus enxames de estrelas, balançaram de um lado para o outro no ar lânguido. Um gafanhoto começou a chilrear na parede, e, como um filamento azul, uma libélula passou flutuando com suas finíssimas asas marrons. Lord Henry teve a impressão de que sentia os batimentos do coração de Basil Hallward e se perguntou o que estava por vir.

“A história é simples”, disse o pintor depois de algum tempo. “Há dois meses eu fui a uma reunião promovida por Lady Brandon. Você sabe que nós, pobres artistas, temos de interagir socialmente de tempos em tempos, só para lembrar o público de que não somos selvagens. Com um terno escuro e uma gravata branca, como você me disse certa vez, qualquer um, mesmo um corretor da

bolsa de valores, pode ganhar uma reputação de civilizado. Pois bem, depois de estar na sala por cerca de dez minutos, conversando com viúvas em trajas exagerados e acadêmicos entediados, de repente me dei conta de que alguém estava olhando para mim. Virei-me e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando nossos olhos se encontraram, senti que empalidecia. Fui tomado por um sentimento de terror. Sabia que estava diante de alguém cuja personalidade era tão fascinante que, caso eu permitisse, absorveria todo o meu ser, toda a minha alma, e até a minha arte. Eu não queria nenhuma influência externa sobre a minha vida. Você sabe, Harry, que eu sou independente por natureza. Sempre fui meu senhor de mim mesmo; ao menos até encontrar Dorian Gray. Naquele instante — mas não sei como lhe explicar isso — alguma coisa parecia me dizer que eu estava no limiar de uma crise terrível na minha vida. Tive a estranha sensação de que o Destino tinha me reservado alegrias extraordinárias e tristezas extraordinárias. Senti medo, dei meia-volta e saí da sala. Não foi a consciência que me levou a fazê-lo: foi uma espécie de covardia. Não tenho nenhum mérito pela tentativa de fugir.”

“Consciência e covardia são na verdade a mesma coisa, Basil. Consciência é a marca comercial da empresa. Simplesmente.”

“Eu não acredito nisso, Harry, e acho que você também não. Porém, fosse qual fosse a minha razão — e pode ter sido orgulho, pois eu era muito orgulhoso —, não hesitei em abrir caminho em direção à porta. Lá, naturalmente, eu me deparei com Lady Brandon. ‘Não é muito cedo para tentar fugir, senhor Hallward?’, ela perguntou. Você conhece a voz estranhamente esganiçada que ela tem?”

“Sim, ela é um pavão em tudo, exceto na beleza”, disse Lord Henry, despedaçando a margarida com os dedos longos, nervosos.

“Não consegui me livrar dela. Fui apresentado à realeza, e aos condecorados, e a damas idosas com tiaras gigantescas e narizes de papagaio. Ela falou de mim como se eu fosse seu amigo mais querido. Eu a tinha encontrado somente uma vez, mas ela pôs na cabeça que iria me tratar como uma celebridade. Acho que um de meus quadros havia tido um grande sucesso na época, ao menos foi comentado nos tabloides, que representam o padrão de imortalidade do século XIX. De repente me vi frente a frente com o homem cuja personalidade havia me perturbado tão estranhamente. Estávamos bem próximos, quase nos tocávamos. Nossos olhos se encontraram de novo. Foi temerário de minha parte, mas pedi para que Lady Brandon me apresentasse a ele. Talvez não fosse muito temerário, apesar de tudo. Era simplesmente inevitável. Teríamos nos falado sem nenhuma apresentação. Tenho certeza disso. O próprio Dorian confirmou depois. Ele também sentiu que estávamos destinados a nos conhecer.”

“E como Lady Brandon despreveria o belíssimo jovem?”, perguntou seu companheiro. “Sei que ela gosta de fazer um breve pré-cis de todos os seus convidados. Lembro que ela me levou até um velho cavalheiro de rosto vermelho, todo coberto de comendas e laços, e, silvando em meus ouvidos em um cochicho trágico, que deve ter sido audível para todos na sala, contou os detalhes mais espantosos. Eu simplesmente fugi. Gosto de descobrir as pessoas por conta própria. Mas Lady Brandon trata os convidados como um leiloeiro trata suas mercadorias. Ou os revela por inteiro, ou conta tudo sobre eles menos o que desejamos saber.”

“Pobre Lady Brandon! Você é muito duro com ela, Harry!”, disse Hallward com indiferença.

“Meu caro amigo, ela tentou fundar um *salon* e conseguiu apenas abrir um restaurante. Como poderia admirá-la? Mas, conte-me, o que ela disse sobre Dorian Gray?”

“Oh, algo do tipo, ‘rapaz encantador — a pobre mãe e eu absolutamente inseparáveis. Não me lembro o que ele faz — receio que ele — não faça nada — oh, sim, toca piano — ou será violino, caro senhor Gray?’. Ambos não conseguimos conter o riso, e nos tornamos amigos na hora.”

“O riso não é um mau começo para uma amizade, de maneira nenhuma, e é de longe o melhor final”, sentenciou o jovem lorde, desfolhando outra margarida.

Hallward balançou a cabeça. “Você não entende o que é amizade, Harry”, murmurou, “ou, por falar nisso, o que é inimizade. Você gosta de todo mundo, ou seja, é indiferente em relação a todos.”

“Como você é injusto!”, exclamou Lord Henry, atirando a cabeça para trás e olhando para o alto, para as pequenas nuvens que, como madeixas emaranhadas de seda branca brilhante, flutuavam através do vazio turquesa do céu de verão. “Sim; é terrivelmente injusto de sua parte. Eu diferencio muito bem as pessoas. Escolho os amigos pela boa aparência, os conhecidos pelo bom caráter, e os inimigos pelo bom intelecto. Todo o cuidado é pouco na escolha dos inimigos. Não tenho nenhum que seja um imbecil. São todos homens de algum recurso intelectual e, conseqüentemente, eles todos me admiram. É muita vaidade de minha parte? Acho que sim.”

“Penso que sim, Harry. Mas segundo suas categorias eu devo ser um mero conhecido.”

“Meu bom e velho Basil, você é muito mais que um conhecido.”

“E muito menos que um amigo. Uma espécie de irmão, suponho?”

“Oh, irmãos! Não tenho interesse em mais irmãos. Meu irmão mais velho não morre, e meus irmãos mais novos nunca parecem fazer nada diferente.”

“Harry!”, exclamou Hallward, franzindo as sobrancelhas.

“Meu caro amigo, não estou falando exatamente a sé-

rio. Mas não posso negar que detesto meus parentes. Suponho que isso se deva ao fato de que nenhum de nós tolera que outras pessoas tenham os mesmos defeitos que nós. Chego a simpatizar com a ira dos democratas ingleses contra o que chamam de vícios das classes superiores. As massas acreditam que embriaguez, estupidez e imoralidade devem ser exclusividade delas, e que se um de nós age como um imbecil está roubando suas prerrogativas. Quando o pobre Southwark entrou no tribunal de divórcios, a indignação deles foi bem grandiosa. E no entanto eu não imagino que dez por cento do proletariado viva corretamente.”

“Não concordo com uma única palavra do que você disse, e além disso, Harry, tenho certeza de que você também não.”

Lord Henry cofiou a barba castanha pontuda e bateu na ponta da bota de couro lustroso com a bengala ornada de ébano. “Como você é inglês, Basil! É a segunda vez que faz essa observação. Quando alguém expõe uma ideia para um inglês de verdade — sempre uma atitude precipitada —, ele jamais sonha em avaliar se a ideia é certa ou errada. A única coisa que considera de alguma importância é se alguém acredita nela. Ora, o valor de uma ideia não tem nenhuma relação com a sinceridade do homem que a expressa. Na verdade, é mais provável que, quanto menos sincero for o homem, mais puramente intelectual será a ideia, pois nesse caso ela não será tingida por suas aspirações, seus desejos ou seus preconceitos. Porém, não me proponho a discutir política, sociologia ou metafísica com você. Gosto mais de pessoas que de princípios, e gosto mais de pessoas sem princípios que de qualquer outra coisa no mundo. Conte-me mais sobre o senhor Dorian Gray. Com que frequência você o vê?”

“Todos os dias. Eu não seria feliz se não o visse todos os dias. Ele me é absolutamente necessário.”

“Que extraordinário! Pensei que você não se importasse com outra coisa a não ser a sua arte.”

“Ele representa toda a minha arte para mim agora”, disse o pintor, sério. “Às vezes penso, Harry, que há somente duas eras de alguma importância na história do mundo. A primeira é a do surgimento de um novo meio para a arte, e a segunda é o surgimento de uma nova personalidade, também para a arte. Aquilo que a invenção da pintura a óleo foi para os venezianos, o rosto de Antínoo foi para a escultura grega tardia, e o rosto de Dorian Gray será um dia para mim. Eu não apenas pinto a partir dele, desenho a partir dele, faço esboços a partir dele. Naturalmente, fiz isso tudo. Mas ele representa muito mais para mim que um padrão ou um modelo. Não vou lhe dizer que estou insatisfeito com o que fiz a partir dele, ou que sua beleza é tal que a arte não é capaz de expressá-la. Não há nada que a arte não possa expressar, e sei que o que fiz desde que conheci Dorian Gray é um bom trabalho, o melhor da minha vida. Mas por algum estranho motivo — eu me pergunto se você vai me entender — a sua personalidade me sugeriu uma forma completamente nova em arte, um estilo inteiramente novo. Vejo as coisas de maneira diferente, penso nelas de outro modo. Sou capaz de recriar a vida de um modo que antes me era inacessível. ‘Um sonho de forma em dias de reflexão’ — quem disse isso? Esqueci; mas é o que Dorian Gray tem sido para mim. A simples presença visível do rapaz — pois ele me parece pouco mais que um rapaz, embora tenha na verdade mais de vinte anos — a simples visão da sua presença — ah! Eu me pergunto se você consegue compreender o que ela significa. Inconscientemente ele define para mim as linhas de uma nova escola, uma escola que conterà toda a paixão do espírito romântico, toda a perfeição do espírito grego. A harmonia da alma e do corpo — e isso não é pouco! Em nossa loucura separamos os dois e inventamos um realismo vulgar, uma idealização vazia. Harry!, se você soubesse o que Dorian Gray significa para mim!

Você se lembra da minha paisagem, pela qual Agnew me ofereceu um valor muito alto, mas da qual eu não quis me desfazer? É uma das melhores coisas que fiz. E por que ela é assim? Porque enquanto a pintava Dorian Gray estava sentado a meu lado. Uma influência sutil passou dele para mim e pela primeira vez na minha vida vi num bosque qualquer a maravilha que sempre procurei, e que sempre deixei escapar.”

“Basil, isso é extraordinário! Eu preciso conhecer Dorian Gray.”

Hallward se levantou do banco e andou de um lado para o outro no jardim. Passado algum tempo, ele voltou. “Harry”, disse, “Dorian Gray é para mim simplesmente uma razão para a arte. Talvez você não veja nada nele. Eu vejo tudo. Ele está ainda mais presente em meu trabalho quando não há nenhuma imagem sua por perto. Ele é uma inspiração, como eu disse, de uma nova forma. Eu o encontro nas curvas de certas linhas, no encanto e na sutileza de certas cores. Isso é tudo.”

“Sendo assim, por que não exhibe o seu retrato?”, perguntou Lord Henry.

“Porque, de forma não intencional, eu pus nele algo da expressão dessa inusitada idolatria artística sobre a qual naturalmente nunca me dei ao trabalho de discutir com ele. Ele não sabe nada a respeito. Porém o mundo pode adivinhar; e eu não vou desnudar a minha alma aos seus olhos rasos, curiosos. O meu coração jamais será posto sob um microscópio. Há muito de mim nisso. Harry — muito de mim!”

“Os poetas não são escrupulosos como você. Eles sabem como a paixão é útil para a publicação. Hoje em dia um coração partido ganhará várias edições.”

“Eu os odeio por isso”, exclamou Hallward. “Um artista deveria criar coisas belas, mas não deveria pôr nada da própria vida nelas. Vivemos em uma época em que os homens tratam a arte como se fosse uma forma

de autobiografia. Perdemos o sentido abstrato da beleza. Um dia eu vou mostrar ao mundo o que ela é; e por essa razão o mundo jamais verá o meu retrato de Dorian Gray.”

“Acho que você está errado, Basil, mas não vou insistir na discussão. Somente os intelectualmente perdidos discutem. Diga-me, Dorian Gray gosta muito de você?”

O pintor refletiu por alguns instantes. “Ele gosta de mim”, respondeu depois de uma pausa. “Sei que ele gosta de mim. De fato, eu o adulo tremendamente. Sinto um prazer estranho em dizer a ele coisas das quais sei que vou me arrepender. Como regra, ele me encanta, e nos sentamos no ateliê e falamos sobre milhares de coisas. Volta e meia, porém, ele é terrivelmente insensível e parece ter um prazer sincero em me magoar. Nessas horas eu sinto, Harry, que entreguei toda a minha alma a alguém que a trata como se fosse uma flor a ser colocada em seu casaco, uma pequena decoração para agradar à sua vaidade, um ornamento para um dia de verão.”

“Dias de verão são apropriados para se prolongarem”, murmurou Lord Henry. “Talvez você se canse antes que ele. É algo triste de se pensar, mas não há dúvida de que o Gênio dura mais que a Beleza. Isso responde pelo fato de fazermos tantos esforços para nos educarmos tanto quanto possível. Na luta selvagem pela existência, queremos ter algo duradouro, e assim preenchemos as nossas mentes com bobagens e fatos, na esperança estúpida de preservar o nosso lugar. O homem absolutamente bem informado — este é o ideal moderno. E a mente do homem absolutamente bem informado é aterrorizante. É como uma loja de bugigangas, toda cheia de monstros e de poeira, com o preço de tudo acima do valor justo. Ainda assim, penso que você vai se cansar primeiro. Um dia vai olhar para o seu amigo e ele vai lhe parecer um pouco fora de foco, ou não vai gostar da tonalidade da sua cor, ou coisa parecida. Você vai repreendê-lo com

amargura em seu próprio coração e pensar com seriedade que ele se comportou muito mal com você. Quando ele voltar a solicitá-lo, você será totalmente frio e indiferente. Será uma grande pena, pois isso significa que você terá mudado. O que você me contou chega a ser um romance, um romance artístico, por assim dizer, e a pior coisa em um romance de qualquer espécie é que ele acaba com o nosso romantismo.”

“Harry, não fale assim. Enquanto eu viver, a personalidade de Dorian Gray me dominará. Você não pode sentir o que eu sinto. Você muda demais.”

“Ah, meu caro Basil, é exatamente por isso que sou capaz de sentir o que você sente. Os fiéis só conhecem o lado trivial do amor; são os infiéis que conhecem as suas tragédias.” Lord Henry acendeu uma chama em um delicado estojo de prata e começou a fumar um cigarro com ar de controle e satisfação, como se tivesse resumido o mundo em uma frase. Ouviu-se um rumor de chilreio de pardais nas folhas verdes laqueadas da hera, e as sombras azuis das nuvens se perseguiram pelo jardim como andorinhas. Como era agradável estar no jardim! E como eram encantadoras as emoções dos outros! — pareciam-lhe muito mais encantadoras que suas ideias. Nossa própria alma, e as paixões de nossos amigos — eis as coisas fascinantes da vida. Ele imaginou para si, em um deleite silencioso, o almoço entediante que havia perdido ao ficar por tanto tempo com Basil Hallward. Se tivesse ido à casa de sua tia, certamente teria encontrado Lord Goodbody, e a conversa toda teria sido sobre os sentimentos dos pobres e a necessidade de abrigos-modelo. Cada classe pregaria a importância dessas virtudes, cujo exercício não era necessário na própria vida. Os ricos teriam falado sobre o valor da parcimônia, e os desocupados seriam eloquentes sobre a dignidade do trabalho. Era encantador ter escapado daquilo tudo! Enquanto pensava na tia, uma ideia pareceu assaltá-lo. Ele

se voltou para Hallward, e disse: “Meu caro amigo, acabei de lembrar”.

“Lembrar de quê, Harry?”

“De onde ouvi o nome de Dorian Gray.”

“Onde foi?”, perguntou Hallward, franzindo um pouco o cenho.

“Não se faça de zangado, Basil. Foi na casa de minha tia, Lady Agatha. Ela me contou que havia descoberto um jovem maravilhoso que iria ajuda-lá no East End, e que seu nome era Dorian Gray. Devo dizer que ela nunca me falou de sua boa aparência. As mulheres não apreciam a boa aparência; ao menos as mulheres honestas. Disse que ele era muito sincero, e que tinha uma boa natureza. De imediato, imaginei uma criatura de óculos e cabelos lisos, horrivelmente sardento, com pés enormes. Teria sido bom se eu soubesse que era o seu amigo.”

“Fico muito feliz que não tenha sabido, Harry.”

“Por quê?”

“Não quero que você o conheça.”

“Não quer que eu o conheça?”

“Não.”

“O senhor Dorian Gray está no ateliê, senhor”, anunciou o mordomo, saindo para o jardim.

“Você precisa me apresentá-lo agora”, exclamou Lord Henry, rindo.

O pintor se voltou para o criado, que piscava para se adaptar à luz do sol. “Peça ao senhor Gray que espere, Parker: irei em alguns instantes.” O homem se curvou e subiu pelo passeio.

Em seguida, ele olhou para Lord Henry. “Dorian Gray é meu amigo querido”, ele disse. “Tem uma personalidade simples e bela. A sua tia tinha razão no que disse sobre ele. Não o estrague. Não tente influenciá-lo. A sua influência seria ruim. O mundo é grande e há muita gente maravilhosa nele. Não tire de mim a única pessoa que dá à minha arte seu encantamento, seja ele qual for:

a minha vida como artista depende dele. Lembre-se, eu confio em você.” Ele falou muito devagar, e as palavras pareceram arrancadas quase contra sua vontade.

“Quanta tolice!”, disse Lord Henry, sorrindo, e pegando no braço de Hallward quase o arrastou para dentro da casa.